

PROCESSOS COGNITIVOS E INTERACIONAIS EM USOS DA CONSTRUÇÃO GRADUADORA DE CAUSA-EFEITO COM INTENSIFICADOR

Edvaldo Balduino Bispo¹

Tiago Caian²

RESUMO : Neste artigo, analisamos processos cognitivos e interacionais subjacentes à construção graduadora de causa-efeito com intensificador (CGCEI), um padrão linguístico que licencia usos como *esgotados de tanto trabalhar*, *ridículo de tão fácil e rouca de tanto cantar*. Baseamo-nos em pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso (Cunha; Bispo, 2013, 2023), articulando conceitos da Gramática de Construções (Goldberg, 1995) e da Linguística Cognitiva (Lakoff; Johnson, 1980). Metodologicamente, procedemos a uma análise qualiquantitativa de 444 ocorrências da CGCEI, extraídas do *Corpus do Português* (amostra NOW). Cognitivamente, os resultados revelam que a construção em foco é modelada por operações metafóricas e metonímicas baseadas em *frames* de EXPERIÊNCIAS IMPACTANTES. Além disso, os dados evidenciam que a CGCEI é perspectivada a partir da noção de efeito como ponto de vantagem sobre a noção de causa. Pragmaticamente, os resultados apontam para a atuação de inferência sugerida e de (inter)subjetividade em instâncias da construção, com fins de atingir efeitos discursivos diversos.

Palavras-chave: graduação; construção; processos cognitivos; aspectos interacionais; Linguística Funcional Centrada no Uso.

1 Professor Associado do Departamento de Letras da UFRN e docente permanente do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL/UFRN).

2 Professor de Língua Portuguesa da Educação Básica da Rede Estadual do Rio Grande do Norte e da Rede Municipal de Natal-RN. Doutorando em Estudos da Linguagem (PPgEL/UFRN).

Introdução

Neste artigo, voltamos nossa atenção para uma estratégia de intensificação assentada na relação de causa-efeito ou, mais precisamente, efeito-causa. Trata-se de um tipo semântico de graduação, nos termos de Silva (2014). Segundo o autor, a intensificação corresponde “ao incremento semântico aplicado a um(a) determinado(a) conteúdo/noção para além de sua concepção normal ou já graduada” (Silva, 2014, p. 26). É o que podemos verificar nos trechos destacados nos excertos em (1) e (2):

(1) Aliás, por que fazer uma HQ? Por que não foi direto para uma animação, como no seu teaser? # Semanas: Antes de começar o processo do livro, eu tinha acabado de participar de um projeto de episódio piloto para o projeto Anna Bee, juntamos um grupo de artistas em uma casa para tocar o piloto, passamos 6 meses trabalhando dia e noite para fazer 11 minutos de animação. No fim do processo eu e a equipe nos sentimos **esgotados de tanto trabalhar**. Foi daí que me veio uma vontade de explorar outros jeitos de contar histórias, algo que não precisasse de tanto investimento de grana, energia e equipe (Davies, 2018).

(2) Bloodborne: saiba como enfrentar o temível chefe O Renascido #Aprenda a eliminar o penúltimo chefe obrigatório do game, e uma das criaturas mais temidas de toda a trama. # COMENTÁRIO: Kaciusblack # 2015-05-26T08: 31: 16 # Temível é um pouco demais, não acham? Esse boss chega a ser **ridículo de tão fácil** (Davies, 2018).

No excerto em (1), no que se explicita o trabalho implicado na produção de uma *animação*, o escrevente destaca o quão custoso é esse processo (*juntamos um grupo de artistas, passamos 6 meses trabalhando dia e noite*). Finaliza indicando o estado em que ficaram ele e os membros da equipe envolvida. Para tanto, mobiliza o agrupamento *esgotados de tanto trabalhar*, por meio do qual encarece o conteúdo veiculado por *trabalhar*. O trecho em

(2), por sua vez, traz comentários de jogadores sobre um game online (Bloodborne), mais particularmente sobre um personagem oponente a ser vencido, O *Renascido*, considerado por um dos jogadores como “uma das criaturas mais temíveis de toda a trama”, destacando o quão difícil é enfrentá-lo. O outro jogador, por não considerar a tarefa difícil, mas, ao contrário, bastante simples, usa a expressão *ridículo de tão fácil* para intensificar a ideia de facilidade associada ao enfrentamento do personagem.

As expressões de valor intensivo destacadas em (1) e em (2) apresentam um arranjo sintagmático tal que a intensificação de um dado conteúdo se dá por meio da relação causa-efeito, com a especificidade de a codificação do efeito preceder a expressão da causa. Em (1), indica-se que o trabalho realizado pelas pessoas envolvidas na produção da animação foi tão intenso (causa) que resultou no esgotamento dessas pessoas (efeito). No caso de (2), de maneira similar, destaca-se que “o Renascido” é tão fácil de vencer (causa) que o torna um oponente ridículo (consequência). Além dos elementos que codificam efeito e causa, ocorre um intensificador (*tão, tanto/tanta*), precedido da preposição DE. Acompanhando Assis Silva (2024), nós a denominamos construção graduadora de causa-efeito com intensificador (CGCEI), representada formalmente por $[X_{\text{EFEITO}} \text{ DE } Y_{\text{INTENS}} \text{ Z}_{\text{CAUSA}}]_{\text{GRAD}}$ ³.

O objetivo geral deste empreendimento é examinar a atuação de processos cognitivos e interacionais em instâncias de uso da CGCEI. Em termos específicos, pretendemos: i) mapear e explicitar tais processos; ii) explicar de que modo eles operam nos usos da construção aqui focalizada.

Este artigo está organizado em seis seções, incluindo esta introdutória. A seção seguinte traz a caracterização da perspectiva teórica que sustenta a investigação, com a definição dos conceitos operacionais mobilizados. Na terceira seção, são explicitados os

3 Cf. Bispo e Caian (2024) para verificar a análise de aspectos formais e semânticos da CGCEI.

aspectos metodológicos. As duas seções subsequentes voltam-se à análise de ocorrências de uso da CGCEI, focalizando, respectivamente, fatores cognitivos e interacionais implicados. As considerações finais encerram o artigo, sumarizando os achados das discussões.

Bases teóricas

As discussões feitas neste artigo ancoram-se teoricamente na Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), nos termos de Cunha e Bispo (2013, 2023). Segundo Bispo e Lopes (2022), essa recente tendência resulta da aproximação da vertente norte-americana do Funcionalismo Linguístico com a Linguística Cognitiva e, mais particularmente, com a Gramática de Construções. Assentada nas premissas da Linguística Funcional (LF) de inspiração givoniana, a LFCU defende a estreita relação entre expressão e conteúdo nas línguas naturais (Givón, 1984). Assume que os padrões linguísticos são forjados e se organizam na construção de enunciados e textos, de modo a atender a contingências das práticas sociais situadas.

Nesse cenário teórico, a língua é concebida como uma estrutura fluida, maleável, um sistema adaptativo complexo (Du Bois, 1985; Bybee, 2010), sujeito a demandas cognitivas e interacionais. Consiste, pois, em um sistema dinâmico, uma vez que resulta da adaptação de habilidades cognitivas humanas a eventos comunicativos específicos, sócio-histórica e culturalmente situados, e se desenvolve com base na recorrência de tais eventos. A gramática, por sua vez, compreende um conjunto de padrões linguísticos regulares, relativamente estáveis, e de outros que emergem e se regularizam (Martelotta, 2011). Resulta da rotinização e fixação de estratégias discursivas recorrentes e bem-sucedidas comunicativamente (Givón, 1979; Bybee, 2010), de modo que gramática e uso são interdependentes.

Para essa perspectiva teórica, papel crucial desempenha a cognição na constituição da gramática e no funcionamento dos sistemas linguísticos. Com efeito, acompanhando a visão cognitivista, a LFCU sustenta que a língua está assentada em processos cognitivos gerais, os quais não se restringem à língua. Segundo Bybee (2010), o sistema linguístico resulta da atuação de processos cognitivos de domínio geral, como nossa capacidade de categorizar, estabelecer relações, armazenar e automatizar informações, reunir unidades simples em expressões complexas e operar em níveis locais e globais. Ainda de acordo com a linguista, tais processos entram em jogo em todas as instâncias de uso da língua e seu uso repetido impacta a representação cognitiva da linguagem. Conforme pontua Martelotta (2011), esses fatores de ordem cognitiva só se materializam na interação, ou seja, não refletem apenas o funcionamento de nossa mente como indivíduos, mas como seres inseridos em um ambiente cultural.

Desse modo, a língua deve ser analisada em seus usos efetivos, visto que é *no* e *pelo* uso que o sistema linguístico se configura. Envolve considerar a maleabilidade das estruturas linguísticas e os diversos fatores internos e externos à língua que a circunstanciam: estruturais, semânticos, cognitivos, sociocomunicativos e culturais.

A relação motivada entre expressão e conteúdo é pedra de toque às investigações funcionalistas e caracteriza o princípio de iconicidade. Por meio dele, examina-se em que medida a codificação linguística reflete aspectos da função, em termos de quantidade, integração e ordenação. Implica, assim, gradiência entre transparência e opacidade.

Na perspectiva funcional-construcionista, implicada na LFCU, as unidades linguísticas que constituem a gramática são vistas como esquemas simbólicos ou *construções*, pareamentos convencionalizados de forma e função (Goldberg, 1995). A *construção* tem natureza cognitiva e representa uma abstração resultante da generalização de instâncias de uso de elementos

linguísticos em contextos interacionais específicos (Cunha; Bispo, 2019; Bispo; Souza; Mendes, 2026). Assim, por exemplo, ao experienciar expressões como *rouco de tanto gritar*, *chorar de tanta emoção*, *cansada de tanto descaso*, *desaparece de tão discreta*, *ridículas de tão fácil*, o falante chegaria à generalização do padrão esquemático [X_{EFEITO} DE Y_{INTENS} Z_{CAUSA}], aqui focalizado.

Croft (2001) representa a construção por meio do elo simbólico entre duas dimensões: a da forma e a do significado (função). À primeira correspondem propriedades fonológicas, morfológicas e sintáticas. A função compreende as propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais, incluindo todos os aspectos interacionais que circunstanciam o uso linguístico.

Para a análise do padrão linguístico aqui investigado, consideramos processos cognitivos e estruturas conceituais subjacentes a suas instâncias de uso, além de fatores de ordem semântica e pragmática. Nessa direção, mobilizamos as projeções conceituais (metafóricas e metonímicas), a noção de *frame*, a perspectivação, a iconicidade, a inferência pragmática e a (inter)subjetividade. Esses processos têm papel relevante na construção do sentido instaurado pelos usos da CGCEI.

Segundo Lakoff e Johnson (1999), a metáfora é compreendida como uma operação cognitiva que envolve mapeamento entre domínios conceituais. Nesse processo, noções de um domínio são projetadas em outro, como é o caso do tempo, que é conceptualizado em termos de espaço, de que resultam expressões como “daqui em diante”, “três meses atrás” e “dentro de algumas semanas”.

A metonímia, por sua vez, constitui um mapeamento dentro de um mesmo domínio conceitual (Lakoff; Turner, 1989). Consiste em um processo cognitivo por meio do qual se consegue chegar a uma entidade conceitual com base em outra de mesmo domínio, via contiguidade. As relações de contiguidade em que se baseiam os diferentes tipos de metonímia são várias, incluindo sentidos diversos: o espacial, o temporal, o causal, o conceptual, entre

outros. São tradicionalmente expressas por “continente pelo conteúdo” (“O prato parece muito apetitoso”), “causa pelo efeito” (“A nuvem pesada deixou preocupados os moradores das grandes áreas urbanas”), “instrumento pelo agente que o utiliza ou pela atividade com ele praticada”, “parte pelo todo” (“Há muita gente sem teto”) etc. e o inverso de algumas dessas relações (Silva, 1997).

A noção de *frame* se refere a uma das formas de organização cognitiva de nossas experiências com o mundo biofísico e social. Segundo Fillmore (1985, p. 224), a informação semanticamente relevante é esquematizada em frames interpretativos, os quais são uma “organização particular do conhecimento que se coloca como um pré-requisito à nossa habilidade de entender o significado das palavras associadas”. Desse modo, um *frame* pressupõe cenários, participantes, ações rotineiras e modos de dizer que compõem um dado evento.

Relativamente à perspectivação, ela diz respeito ao direcionamento da atenção sobre um evento referencial ou uma situação, isto é, tem relação com a focalização de aspectos específicos de uma cena (Tomasello, 1998). Ao reportar um determinado evento ou descrever uma dada situação, por exemplo, o falante/escritor escolhe um elemento particular como ponto de vista a partir do qual esse evento/situação é comunicado/a. Desse modo, a perspectivação envolve propósitos comunicativos e se relaciona diretamente a usos subjetivos e intersubjetivos da língua.

Conforme Traugott e Dasher (2002), a subjetividade compreende uma atitude pela qual os falantes tendem a demonstrar e codificar suas perspectivas e ideias advindas das trocas interacionais, com vistas ao alcance de determinados fins comunicativos. A intersubjetividade, por sua vez, relaciona-se à consideração do(s) parceiro(s) da interação na codificação linguística. Envolve a expressão da atitude do falante em relação ao ouvinte, estratégias de negociação de sentido, de preservação da face, de monitoramento de ações e reações, de aproximação/distanciamento entre

os parceiros no processo comunicativo (Schiffrin, 1990; Traugott; Dasher, 2002).

Por fim, a inferência pragmática refere-se ao processo intersubjetivo em que o falante, ao empregar uma dada expressão linguística, conta com a colaboração do ouvinte para apreender o significado pretendido. Relaciona-se às necessidades comunicativas dos falantes e motiva a criação de novos pares de forma-sentido, à medida que os atos comunicativos realizados exigem a interpretação de um determinado padrão linguístico de um modo particular.

Caracterizados os processos cognitivos e semântico-pragmáticos que servirão como parâmetro à análise dos construtos da CGCEI, passamos ao detalhamento da metodologia.

Metodologia

Empregamos um raciocínio que combina elementos dedutivos e indutivos, referido como método abdutivo (Givón, 1995). A dimensão dedutiva se manifesta na aplicação de categorias e pressupostos teóricos já consolidados pela LFCU na análise de dados, enquanto a dimensão indutiva emerge da observação atenta e pormenorizada de instâncias de uso da língua, permitindo a identificação de tendências funcionais do fenômeno examinado.

Desenvolvemos uma pesquisa de natureza predominantemente qualitativa com suporte quantitativo (Silva, 2004; Marconi; Lakatos, 2010). O viés qualitativo se deve ao exame de propriedades funcionais da construção investigada, em termos cognitivos e interacionais. O aspecto quantitativo relaciona-se à mensuração dos frames acionados nos usos da CGCEI. Do ponto de vista dos objetivos, realizamos um trabalho descritivo-interpretativista (Marconi; Lakatos, 2010). A natureza descritiva consiste na exploração e caracterização de propriedades cognitivas e pragmáticas do fenômeno examinado. A natureza interpretativista decorre

da discussão detida da atuação de processos cognitivos e interacionais nas instâncias da construção graduadora em estudo.

Para a composição da amostra de dados desta pesquisa, recorreremos ao *Corpus do Português – NOW* (CdP - NOW)⁴ (Davies, 2018). Justificamos a escolha deste banco de dados pela sua abrangência, que permite acessar um vasto conjunto de instâncias de uso do português, derivados de textos coletados na *internet* entre os anos de 2012 e 2019.

Selecionamos as ocorrências linguísticas correspondentes ao objeto de estudo mediante busca dos seguintes padrões morfofossintáticos, consonantes com Assis Silva (2024) e Bispo e Caian (2024): *SV de tanto SN*, *SV de tanta SN*, *SV de tanto SV*, *SV de tão SA*, *SV de tanto SP*, *SV de tanto SAdv*, *SA de tanto SN*, *SA de tanta SN*, *SA de tanto SV*, *SA de tão SA*, *SA de tanto SP* e *SA de tanto SAdv*.

O rastreamento de tais padrões ocorreu com base em sintaxe específica, aplicável à ferramenta de busca do CdP - NOW. Nesse caso, buscamos a classe morfológica que constitui o núcleo do sintagma em foco. Assim, para SV, busca-se VERB (verbo); para SN, NOUN (substantivo); para SA, ADJ (adjetivo); para SAdv, ADV (advérbio); para SP, PREP (preposição). O pareamento da sintaxe de busca no CdP – NOW com os padrões morfofossintáticos focalizados pode ser visto no Quadro 1, a seguir:

Quadro 1 – Correspondência entre padrões construcionais buscados e sintaxe para busca de padrões no CdP – NOW

PADRÃO MORFOSSINTÁTICO BUSCADO	SINTAXE PARA BUSCA DE PADRÕES NO CdP – NOW
SV de tanto SN	VERB de tanto NOUN
SV de tanta SN	VERB de tanta NOUN

4 Acesso disponível em: Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/now/>.

SV de tanto SV	VERB de tanto VERB
SV de tão SAdj	VERB de tão ADJ
SV de tanto SAdv	VERB de tanto ADV
SV de tanto SP	VERB de tanto PREP
SAdj de tanto SN	ADJ de tanto NOUN
SAdj de tanta SN	ADJ de tanta NOUN
SAdj de tanto SV	ADJ de tanto VERB
SAdj de tão SAdj	ADJ de tão ADJ
SAdj de tanto SAdv	ADJ de tanto ADV
SAdj de tanto SP	ADJ de tanto PREP

Fonte: Adaptado de Assis Silva, 2024, p. 62.

Com a busca, verificamos a instanciación de quase todos os padrões em tela à exceção daqueles que comportam SAdv e SP. Assim, foram identificados na amostra 8 padrões morfossintáticos: *SV de tanto SN*, *SV de tanta SN*, *SV de tanto SV*, *SV de tão SA*, *SA de tanto SN*, *SA de tanta SN*, *SA de tanto SV*, *SA de tão SA*.

Haja vista a grande extensão do CdP-NOW, coletamos dados pela seleção de *tokens* atrelados às 100 primeiras entradas-*type* de cada padrão morfossintático buscado. As instâncias foram selecionadas com base em dois critérios: veicularem grau intensivo a partir da relação de efeito-causa⁵ e serem construtos do Português Brasileiro (PB). Como resultado, obtivemos 444 dados, os quais compõem nossa amostra. Na Tabela 1 a seguir, distribuímos as instâncias de uso por padrão identificado.

5 A aplicação desse critério justificou-se pelo fato de que nem todas as ocorrências correspondiam efetivamente ao fenômeno investigado. É o que se dá em *O prédio vai até cair de tanto cupim* (CdP-NOW), em que verificamos relação de causa-efeito, mas para a mobilização de grau quantitativo (relativa à noção

Tabela 1 – Distribuição de dados por padrão morfossintático da CGCEI

Padrão construcional	SV de tanto SN	SV de tanta SN	SV de tanto SV	SV de tão SAdj	SAdj de tanto SN	SAdj de tanta SN	SAdj de tanto SV	SAdj de tão SAdj
Número de ocorrências	17	66	69	27	52	57	106	50

Fonte: Adaptado de Assis Silva, 2024, p. 64.

Em termos de tratamento dos dados, após o mapeamento das ocorrências, procedemos a uma análise qualitativa cuidadosa. Cada construto foi examinado quanto a *frames* interpretativos acionados, daí decorrendo a quantificação de cada tipo observado. Também analisamos operações cognitivas (metafóricas e metonímicas) nas instâncias do fenômeno investigado e a perspectivação conceptual da relação efeito-causa a ele associado, bem como sua associação ao subprincípio icônico de ordenação. Por fim, verificamos a atuação de processos interacionais nos usos da CGCEI, particularmente a inferência pragmática e aspectos subjetivos e intersubjetivos implicados, situando os construtos em um *continuum* do menos subjetivo ao mais (inter)subjetivo.

Processos cognitivos em instâncias da CGCEI

Nesta seção, explicitamos os processos cognitivos subjacentes à construção graduadora que estudamos. Para isso, mapeamos transferências metafóricas e metonímicas atinentes à função intensificadora. Além disso, analisamos a perspectivação em instâncias da construção, com vistas a identificar como esse processo modela a ordenação dos constituintes da CGCEI.

quantificável indexada em *cupim*), e não intensivo.

Como ponto inicial, precisamos retomar que a CGCEI, formalizada por $[X_{\text{EFEITO}} \text{ DE } Y_{\text{INTENS}} \text{ Z}_{\text{CAUSA}}]_{\text{GRAD}}$, exprime grau pela interação entre os slots X (efeito) e Y (intensificador). Primeiramente, o intensificador (uma forma adverbial ou pronominal), posicionado no slot Y, promove graduação ascendente da noção semântica que veicula causa (slot Z). Segundamente, de forma adjunta, o slot X corrobora essa graduação ao veicular um efeito que, por ser o resultado potencializado de uma causa, atua como um reforço intensivo. Desse modo, em expressões como *morto de tanto trabalhar*, *brilhando de tão feliz* ou *explodir de tanto ódio*, percebemos que, além do intensificador primário (*tanto/a* ou *tão*), o efeito (*morto*, *brilhando*, *explodir*) desempenha papel central para a atribuição de grau intensivo.

Ainda acerca do papel intensivo do efeito, percebemos que sua carga semântica, normalmente hiperbólica, tende a evocar experiências calcadas na concretude, principalmente eventos de considerável impacto. Sendo assim, o aporte da experiência corpórea serve de base para a conceptualização da função graduadora, convergindo para o fato de que metáforas subjazem ao conceito de grau (Lakoff; Johnson, 1980; Silva, 2008, 2014; Costa, 2010; Assis Silva, 2024).

Silva (2008, 2014) afirma que a graduação se ancora em noções como quantidade, tamanho, peso, localização, estados ou sensações biofísicas e psicoafetivas de impacto. No caso da CGCEI, de função graduadora intensiva, verificamos que este último tipo de experiência se configura como base concreta primordial para mapeamento metafórico subjacente. Assim, *frames* como EXPERIÊNCIA FÍSICA IMPACTANTE, EXPERIÊNCIA BIOFÍSICA IMPACTANTE, EXPERIÊNCIA PSICOAFETIVA IMPACTANTE e EXPERIÊNCIA SOCIOCULTURAL IMPACTANTE funcionam, na operação metafórica, como domínio fonte em se que projeta o domínio alvo de INTENSIDADE⁶.

6 Entendemos que esses *frames* funcionam como subespecificação do *frame*

Nos termos de Silva (2008, 2014), EXPERIÊNCIA BIOFÍSICA IMPACTANTE aponta para fenômenos biológicos/corporais de forte relevância, a exemplo de sensações térmicas extremas, exaustão, dor, processo de morte etc. O *frame* EXPERIÊNCIA PSICOAFETIVA IMPACTANTE, por sua vez, atrela-se a vivências sentimentais ou psicológicas marcantes, abarcando estados como alegria, tristeza, medo ou amor.

O *frame* de EXPERIÊNCIA FÍSICA IMPACTANTE, conforme Assis Silva (2024), mobiliza noções ligadas a saliências físicas e a transformações físico-estruturais de objetos, envolvendo traços de alteração de luminosidade, desgaste, transbordamento, ruptura de limites físicos, entre outros. Por fim, EXPERIÊNCIA SOCIOCULTURAL IMPACTANTE evoca estados ou julgamentos pautados por parâmetros sociais e culturais. Esse *frame* inclui desde avaliações estéticas e comportamentais até situações de impacto no convívio social (Assis Silva, 2024). Vejamos os fragmentos de (3)-(6), para exame do acionamento desses *frames* e da atuação de metáforas conceptuais a eles relacionadas:

(3) [Boteco inaugurado na década de 60 tem cachaça enalhada há 50 ...] Não há ser humano com um pouquinho de curiosidade que siga o caminho sem entrar. Lá dentro, no teto, os baldes e vassouras à venda têm a poeira de, pelo menos, uns 20 anos. Mas é a cachaça o item mais antigo, conta o dono, Jorge da Silva. # Um carregamento da legítima bebida brasileira foi comprado para a inauguração do bar, há 50 anos. Algumas garrafas estão lá desde então. O rótulo da Caninha Oncinha chega a estar **duro de tão sujo**. O valor é reajustado como qualquer outra bebida e hoje custa R\$ 12,00 (Davies, 2018).

(4) Briga com a balança # Após ser alvo da imprensa internacional por enfrentar dificuldades para perder os quilinhos a mais que ganhou durante a gestação da pequena Giulia, de um ano e quatro meses, fruto

mais amplo de mudança de estado, decorrente da relação causa-efeito que subjaz às instâncias da CGCEI.

de seu casamento com Nicolas Sarkozy, Carla Bruni (que também é mãe de Aurelia, de 12 anos) revelou para a edição francesa da revista Elle que sofreu com a cobrança exacerbada do público para a retomada de sua boa forma física. # “Senti-me magoada pelos ataques sobre o meu corpo. Depois de uma gravidez, ficamos esgotadas, sobretudo aos 43 anos. Foi um período difícil: queria apoiar o meu marido na campanha e, ao mesmo tempo, não queria que me fotografassem, era de **chorar de tão cansada**, estava frágil”, confessou (Davies, 2018).

(5) [Confira um bate-papo com o ator Gil Hernandez, no ar em Malhação] Vê, mas tem vergonha: Xuxa Só para Baixinhos. # Estou ficando **louco de tanto assitir**. Tenho duas filhas, Manuela e Helena, de 5 anos e 1, respectivamente. Elas adoram (Davies, 2018).

(6) Quais foram os momentos mais divertidos de todas as temporadas? # Eu era quase **chata de tão séria** no set. Mas foi porque eu tive uma formação muito rigorosa no Drama Centre London, onde eu estudei. “Vocês estão aqui para trabalhar”, diziam. Fora isso, o elenco era realmente muito divertido (Davies, 2018).

No construto em (3), *duro de tão sujo*, a estratégia de intensificação incide sobre o atributo em *sujo*, que é encarecido pelo intensificador *tão* (slot Y). O item no slot X, *duro*, é resultante da sujeira acumulada e funciona como reforço à intensificação dessa ideia. A força dessa graduação é sustentada pela metáfora INTENSIDADE É EXPERIÊNCIA FÍSICA IMPACTANTE. No mapeamento metafórico, o domínio da experiência mecânica e física (a solidificação ou rigidez) é recrutado para materializar a noção abstrata de intensidade.

Já na ocorrência em (4), *chorar de tão cansada*, o enunciado registra um esgotamento físico que vai a um limite das reações orgânicas. A causa (*cansada*) é encarecida pelo intensificador *tão* e pelo transbordamento biofísico do choro. O mapeamento subjacente a essa ocorrência é INTENSIDADE É EXPERIÊNCIA BIOFÍSICA IMPACTANTE, pois utiliza-se uma resposta biológica involuntária e aguda como domínio fonte para projetar intensidade.

Em (5), por meio da instância de uso *louco de tanto assistir*, o falante expressa uma saturação cognitiva/psicológica decorrente da grande exposição a um conteúdo visual. A causa (*assistir*) sofre incremento semântico pelo *tanto*, enquanto o efeito em *louco* imprime reforço intensivo ao indicar um desequilíbrio na ordem do intelecto. Diferentemente dos efeitos físicos, o “ficar louco”, nesse caso, é uma hiperbolização de um estado mental alterado. Subjaz a esse uso a metáfora INTENSIDADE É EXPERIÊNCIA PSICOAFETIVA IMPACTANTE, em que um abalo na estabilidade psicológica é o parâmetro para graduar o excesso da ação de assistir.

Finalmente, em (6), o construto *chata de tão séria*, no contexto de uma entrevista sobre a participação de uma atriz em uma série, a causa é o traço de personalidade (*séria*), intensificado por *tão*. O efeito *chata*, por sua vez, configura-se como julgamento sociocultural e uma consequência na esfera da interação social. A seriedade é apresentada como excessiva, porque gera um impacto negativo na percepção do outro, rotulando o indivíduo socialmente. Nesse caso, é instanciada a metáfora INTENSIDADE É EXPERIÊNCIA SOCIOCULTURAL IMPACTANTE, em que o julgamento social serve de base para atrelar reforço intensivo ao conteúdo codificado por *séria*.

A análise das instâncias em (3)-(6) revela que as noções mobilizadas no slot X evidenciam *frames* e projeções metafóricas fundamentais para a conceptualização da CGCEI. Para além da identificação dessas projeções, procedemos ao levantamento da distribuição dos *frames* que integram as metáforas subjacentes às instâncias de uso. Vejamos os quantitativos na Tabela 2.

Tabela 2 - Quantificação de *frames* evocados no slot X_{EFEITO}

TIPO DE FRAME	N.º	%
EXPERIÊNCIA SOCIOCULTURAL IMPACTANTE	29	6,6%
EXPERIÊNCIA PSICOAFETIVA IMPACTANTE	48	10,8%
EXPERIÊNCIA FÍSICA IMPACTANTE	96	21,6%

EXPERIÊNCIA BIOFÍSICA IMPACTANTE	271	61%
TOTAL	444	100%

Fonte: Adaptado de Assis Silva, 2024, p. 82.

Analisando a configuração das operações metafóricas na CGCEI, observamos que os *frames* enraizados na dimensão física e biológica são os mais produtivos, com destaque para a EXPERIÊNCIA BIOFÍSICA IMPACTANTE (61%) e a EXPERIÊNCIA FÍSICA IMPACTANTE (21,6%). Justificamos a menor representatividade dos *frames* EXPERIÊNCIA PSICOAFETIVA IMPACTANTE (10,8%) e EXPERIÊNCIA SOCIOCULTURAL IMPACTANTE (6,6%) por sua natureza inerentemente menos concreta e mais psicossocial.

Além das projeções metafóricas, destacamos, também, a relevância da metonímia na estruturação da CGCEI, especialmente no que tange à neoanálise funcional. Apoiando-nos em Traugott e Trousdale (2013), compreendemos que a função de um elemento pode expandir-se para termos adjacentes por contiguidade posicional. Esse “espraçamento” de função, motivado por implicaturas associadas ao contexto linguístico-pragmático, permite que componentes da construção sejam reinterpretados/neoanalisados funcionalmente, mediante o seu avizinhamento no sintagma.

Na CGCEI, as noções semânticas de efeito (no *slot* X) reforçam a graduação da causa, *slot* Z. Esse papel intensivo decorre de duas projeções: uma metafórica – que já vimos – e outra metonímica. Essa última é motivada pela proximidade entre a noção de efeito hiperbólico, no *slot* X, e o intensificador, no *slot* Y. Por contiguidade na cadeia sintagmática, a função de intensificação se espraia entre os *slots* X e Y, fazendo com que o conteúdo mais lexical do efeito adquira nuances gramaticais.

Dada a projeção metonímica, a função do elemento no *slot* X sofre neoanálise, posicionando-se em um *continuum* entre o léxico e a gramática. Em outras palavras, a depender do contexto de uso em que se situa um construto da CGCEI, o efeito pode se

associar a um sentido mais lexical ou mais gramatical. Quando o construto apresenta carga semântica mais conotativa, como nos dados *esgotados de tanto trabalhar* e *ficando louco de tanto assistir*, tenderá a ter função mais gramatical (ou seja, maior função intensificadora); quando o construto apresenta carga semântica mais denotativa, a exemplo de *chorar de tão cansada* e *morrer de tanto apanhar*⁷, tenderá a ter função mais lexical.

Por fim, outro processo pertinente à conceptualização da CGCEI é a perspectivação. Por meio dela, a atribuição do grau intensivo pela construção em foco é viabilizada no sentido de que a relação efeito-causa é codificada linguisticamente com base em um ponto de vista (ou ponto de vantagem) situado. No caso da CGCEI, o falante privilegia o efeito resultante como o foco da sua atenção, utilizando-o como referência para evidenciar a magnitude da causa intensificada. Assim, a configuração formal da construção reflete a tendência cognitiva de salientar o resultado em primazia à noção de causa.

O caso em (7) ilustra bem isso. Em “ficou rouca de tanto cantar”, a estratégia de intensificação incide sobre o evento de cantar, ocorrido no contexto do Carnaval. A graduação é operada pela combinação do intensificador *tanto* (slot Y) com o efeito fisiológico *rouca* (slot X). Nesse cenário, a causa é perspectivada a partir do foco em uma alteração na condição biológica da falante: a rouquidão funciona como a evidência sensorial e corpórea de que a ação de cantar foi exercida em um grau potencializado/elevado.

(7) A analista de mídias sociais Priscila de Freitas, curtiu bastante o Carnaval, e agora está vigilante para não adoecer. [...] # A designer Aline Carolina Maia não chegou a adoecer, mas ficou **rouca de tanto cantar**. “Tem aquela coisa de você ficar na rua até de madrugada, toma cerveja gelada, água gelada, acaba deixando a garganta prejudicada”. Porém, ela

7 Dado apresentado em (10) na seção *Processos interacionais em instâncias da CGCEI*.

não está nem um pouco arrependida. “Foi maravilhoso”, disse (Davies, 2018).

Sob a ótica da perspectivação, o enunciador adota o efeito (*slot* X) como seu ponto de vantagem para codificar a cena. Em termos de saliência cognitiva, o estado de rouquidão é o que se impõe de forma mais imediata à percepção, funcionando como uma “âncora” para medir a magnitude da causa. A partir da configuração cognitiva da cena, observamos que o enunciador elege o efeito como o ponto de vantagem para a conceptualização do evento.

Seguimos Assis Silva (2024) ao interpretarmos que essa escolha perspectivada decorre, hipoteticamente, da proeminência cognitiva inerente ao efeito, uma vez que este costuma evocar *frames* de EXPERIÊNCIA IMPACTANTE. Tal saliência não se restringe apenas ao caso em (7), mas constitui a própria essência funcional da CGCEI: a experiência projetada no *slot* X carrega um impacto, um peso subjetivo que sobrepuja a causa em termos de atenção. Consequentemente, como o efeito atua, no plano cognitivo, como ponto mais saliente da perspectivação, ele assume igualmente uma posição de privilégio na codificação linguística, sendo colocado antes da causa (*slot* Z) na forma construcional, em consonância com o subprincípio icônico da ordenação linear (Givón, 1984).

Processos interacionais em instâncias da CGCEI

Nesta seção, examinamos a atuação de processos interacionais nos usos da construção graduadora com intensificador. Discutimos, inicialmente, a negociação de sentidos entre os parceiros da interação para o devido entendimento da operação intensiva realizada, via inferência pragmática. Posteriormente, exploramos aspectos subjetivos e intersubjetivos implicados em construtos da CGCEI.

O processamento comunicativo da intensificação nem sempre ocorre de modo literal e explícito. Demanda, muitas vezes,

procedimento inferencial dos coenunciadores (Silva, 2014). Envolve, pois, a inferência pragmática (ou sugerida), nos termos de Traugott e Dasher (2002), de modo que os interlocutores constroem a significação com base em elementos co(n)textualmente situados e de conhecimento de mundo. Essa habilidade inferencial é requerida em usos da CGCEI nos quais o esquema se manifesta em ocorrências de teor mais metafórico e hiperbólico. Vejamos estes casos:

(8) O Ciep ficou tão cheio que eleitores reclamaram que, até às 17h30m, não tinham conseguido votar. Dezenas de pessoas ficaram nos corredores aguardando a vez. O sistema biométrico também ajudou a aumentar o caos no colégio. # — Passei mal, pois **não tinha como respirar de tanta gente**. Um verdadeiro inferno (Davies, 2018).

(9) # De volta ao espetáculo, é assustador como tanto talento pode caber em uma só pessoa. A capacidade que Paul McCartney tem de compor melodias simples, mas profundamente sofisticadas, é única em toda a música pop. Não há quem possa competir com ele nesse quesito. Foi essa característica que lhe rendeu esse catálogo de músicas **assombroso de tão rico**, lapidado nas quase seis décadas de carreira, e um know-how ímpar a respeito de como agradar geração após geração nos mais diversos lugares do mundo. Volte quando quiser, Paul. Comentários sobre “Debaixo de chuva, Paul McCartney se apresenta para 45 mil pessoas em São Paulo “ BR (14-11-26) [Debaixo de chuva, Paul McCartney se apresenta para 45 mil ...] (Davies, 2018).

O trecho em (8), extraído de uma reportagem que trata da mudança de locais de votação por parte do TRE, reporta uma consequência dessa mudança, a lotação em um dos locais (o Ciep). Para corroborar o quão lotado ficou o Ciep, é citada a fala de um eleitor que relata ter passado mal devido à grande quantidade de pessoas. Em suas palavras, “não tinha como respirar de tanta gente”. O entendimento desse construto, naturalmente, não é literal:

a impossibilidade efetiva de respirar levaria à morte, o que não se deu. Para chegar à interpretação adequada da fala do eleitor referido, o leitor aciona seu conhecimento de mundo sobre o funcionamento do corpo humano e sobre a dinâmica do processo eleitoral, além de recorrer às pistas contextuais. Uma delas é a intensificação em *tão cheio*, em alusão à ocupação do Ciep. Outra pista é a informação de que havia dezenas de pessoas nos corredores sem ter votado, mesmo após o término do horário padrão de votação, e, ainda, a indicação de que o eleitor em questão havia passado mal. Esse conjunto de elementos permite ao leitor fazer inferências e perceber o propósito de encarecimento relativamente à quantidade de votantes associado ao construto *não tinha como respirar de tanta gente*.

No fragmento em (9), temos o comentário de um leitor da *Veja* relacionado com a reportagem publicada na revista sobre um *show* de Paul McCartney em São Paulo. Mais particularmente, comenta-se a capacidade singular que o ex-Beatles tem de compor “melodias simples, mas profundamente sofisticadas”. Para encarecer a qualidade do conjunto das músicas compostas pelo cantor, o leitor utiliza a expressão *assombroso de tão rico*. O entendimento desse processo intensivo também envolve, por parte do interlocutor, a realização de inferências, tanto para a compreensão exata da noção encarecida (codificada por *rico*) quanto da noção resultativa (expressa por *assombroso*), a qual funciona como reforço intensivo.

A percepção do sentido figurado com que esses adjetivos são utilizados implica o acionamento, por parte do leitor, de conhecimentos vários, a exemplo de informações sobre eventos em geral, sobre o artista em questão, sua carreira, sobre a avaliação de produtos artístico-culturais, como a música, entre outros. Também são levadas em conta as pistas contextuais, como o conteúdo do comentário e o emprego de elementos linguísticos que se voltam à capacidade de produção artística qualificada de Paul McCartney (*assustador, tanto talento, capacidade... única em toda a música*

pop, não há quem possa competir com ele, um know-how ímpar). Esse conjunto de elementos permite compreender que *rico* não está relacionado com valor pecuniário, mas diz respeito à grandeza de qualidade, à criatividade, à peculiaridade da produção artística do cantor/compositor britânico. Do mesmo modo, essas pistas concorrem para que o leitor compreenda o sentido positivo associado a *assombroso*, cuja acepção básica remete a susto, medo, pavor: no contexto, está relacionado com a admiração, destaque, relevância, funcionando como elemento potencializador da ideia indexada em *rico*, já graduada por meio de *tão*.

As instâncias da CGCEI estão relacionadas a contextos (inter)subjetivos de uso da língua. Ligam-se à expressão de pontos de vista, posicionamentos, monitoramento de atenção e/ou de atitudes, persuasão, entre outros, concorrendo para o alcance de determinados fins discursivos. Nesse sentido, a graduação intensiva carreada pelos construtos funciona como um mecanismo mobilizado para orientar o ponto de vista de seu interlocutor, com ênfase em um determinado conceito (Gonçalves, 2001).

De modo geral, os contextos de uso da CGCEI apresentam gradiência em termos de subjetividade e intersubjetividade. Assim, identificamos contextos menos subjetivos, mais subjetivos e outros intersubjetivos. Consideremos os excertos a seguir:

(10) As imagens mostram a briga. Mais para frente, percebemos o menor de idade segurando e largando o pedaço de madeira. O laudo cadavérico atesta que Diego foi morto em decorrência de traumatismo craniano provocado por objeto contundente. Ou seja, **morreu de tanto apanhar**. # As agressões só foram interrompidas porque um PM à paisana apareceu e deu tiros para o alto, como forma de dispersar a multidão (Davies, 2018).

(11) Janice Alvesb 05-04-2013 - 11h06min # Parece brincadeira... Tablets... **nem consigo rir ou chorar de tão indignado**. Usar os tablets como? mostrando a cada um dos alunos? Piada. Os computadores nas escolas depredados pelos próprios alunos'

mal-educados', sem interesse... escola infrutífera... sem condições....BR (13-04-04) [Professores que atuam na 18ª CRE começam a receber Tablets] (Davies, 2018).

(12) Air Europa: como eu havia comentado neste post, a companhia espanhola já chegou divando em terras paulistanas. Isso porque ela tem **preços de chorar de tão bons** para vários destinos europeus. Tem SP- Madri por a partir de US\$ 649; SP- Frankfurt por a partir de US\$ 649; SP-Amsterdã por a partir de US\$ 990; SP-Londres por a partir de US\$ 990; SP- Bruxelas por a partir de US\$ 1080. Corram, por que a compra deve ser efetuada só até amanhã (Davies, 2018).

Os fragmentos (10)-(12) ilustram, em nosso entendimento, um *continuum* subjetividade-intersubjetividade. No primeiro excerto, temos trecho de uma notícia que relata o assassinato de um homem chamado Diego, morto a pauladas. Segundo a notícia, o laudo da morte aponta traumatismo craniano devido à intensa agressão aplicada na região da cabeça da vítima. O evento é descrito com certa objetividade, embora possamos perceber um pouco de subjetividade, presente, por exemplo, no construto *morreu de tanto apanhar* e no emprego do advérbio só. No que diz respeito à instância da CGCEI, embora codifique semântica denotativa (apanhar muito pode levar à morte), sua mobilização pode representar a intenção do enunciador de impactar o leitor, por meio do incremento semântico de *apanhar*, dando ênfase à agressão física sofrida. Esse incremento se dá, primordialmente, pelo intensificador *tanto* e tem reforço, em menor medida, pelo evento registrado em *morreu* (consequência extrema). Há, portanto, um contexto de menor subjetividade.

O trecho em (11) traz comentários de uma docente relativamente a uma notícia sobre a distribuição de *tablets* a professores. A docente critica a ação, expressando que não há condições de uso desse recurso em sala de aula, dada a situação de outros recursos tecnológicos necessários (os computadores estão quebrados) e a

falta de interesse dos discentes. Em sua crítica, a docente mobiliza o construto *nem consigo rir ou chorar de tão indignado*, por meio do qual manifesta sua grande insatisfação. O fragmento é permeado de carga subjetiva, com explicitação do posicionamento do enunciador relativamente ao conteúdo veiculado. Concorrem para essa subjetividade as escolhas lexicais (parece brincadeira, alunos sem interesse, escola infrutífera, piada, indignado), o uso da primeira pessoa (*consigo*), as perguntas retóricas (*Usar os tablets como? mostrando a cada um dos alunos?*) e a própria instanciamento da CGCEI, que potencializa a ideia de indignação. Temos, nesse caso, um grau maior de subjetividade.

No excerto em (12), extraído da coluna “Viajar e curtir”, da *Veja SP*, o enunciador trata de promoções de passagens aéreas para a Europa por uma companhia espanhola (Air Europa). Como ilustração, são elencados valores para diferentes destinos europeus (Madri, Amsterdã, Frankfurt e Londres) partindo de São Paulo. Para enfatizar que esses valores estão bem abaixo de mercado, o enunciador mobiliza uma instância da CGCEI: *preços de chorar de tão bons*. O comentário encerra com um chamamento/exortação ao leitor para realizar a compra de bilhetes aéreos. Observamos, no excerto, tanto a expressão subjetiva quanto intersubjetiva. No que diz respeito à primeira, pontuamos a qualificação da empresa aérea (“já chegou divando”), dos preços das passagens (*bons*) e, sobretudo, do encarecimento da adjetivação desses preços via relação causa-efeito (seriam tão bons/baixos a ponto de causar choro, euforia, grande animação). Em termos intersubjetivos, mencionamos a ênfase dada ao baixo valor das passagens (preços de chorar de tão bons), a explicitação de valores de trechos para cidades famosas da Europa, a interpelação do leitor para adquirir passagens de imediato (*corram*) e a justificativa para a urgência (*por que^s a compra deve ser efetuada só até amanhã*).

8 Embora não obedeça à norma escrita culta, mantivemos a grafia original (‘por que’ separado) em virtude de preservarmos o fragmento tal qual ele foi produzido.

Como podemos notar, as ocorrências analisadas permitem entrever uma gradiência em termos de subjetividade e intersubjetividade. De modo escalar, temos um menor teor subjetivo em (10), uma subjetividade mais forte em (11) e um viés subjetivo e marcadamente intersubjetivo em (12).

Considerações finais

O exame detido de instâncias da CGCEI aqui empreendido corrobora o postulado funcionalista básico de que os padrões linguísticos são contingenciados por demandas cognitivas e comunicativas. No primeiro grupo, estão projeções conceptuais, sobretudo metafóricas, as quais mobilizam a ativação de *frames* interpretativos nas instâncias de uso do fenômeno focalizado, além da perspectivação, associada à iconicidade. Relativamente aos fatores interacionais, flagramos a atuação de processos inferenciais e usos em contextos de menor ou maior subjetividade e de intersubjetividade, com vistas ao alcance de determinados fins discursivos.

Desse modo, o escrutínio de propriedades do polo funcional da CGCEI revelou que o reforço intensivo veiculado pelo elemento que ocupa o *slot X* se baseia em experiências impactantes, sobretudo, ancoradas na realidade biofísica. Além disso, a contiguidade conceitual (relação causa-efeito) e sintagmática (adjacência entre X_{EFEITO} e $Y_{\text{INTENSIFICADOR}}$) concorre para a função graduadora associada ao elemento que codifica efeito. Em termos comunicativos, a leitura intensiva envolve inferências por meio de pistas co(n)textuais e processos subjetivos e intersubjetivos.

Cognitive and interactional processes in uses of the cause-effect degree construction with an intensifier

ABSTRACT: In this paper, we analyze the cognitive and interactional processes underlying the cause-effect degree construction with an intensifier (CGCEI, in Portuguese), a linguistic pattern that licenses tokens such as *esgotados de tanto trabalhar*, *ridículo de tão fácil*, and *rouca de tanto cantar*. Our theoretical support is the Usage-based Functional Linguistics (Cunha; Bispo, 2013, 2023), articulating concepts from Construction Grammar (Goldberg, 1995) and Cognitive Linguistics (Lakoff; Johnson, 1980). Methodologically, we conduct a qualitative and quantitative analysis of 444 occurrences of the CGCEI extracted from the *Corpus do Português* (NOW sample). Cognitively, the results reveal that the construction under analysis is modeled by metaphorical and metonymic operations based on IMPACTFUL EXPERIENCE frames. Furthermore, the data show that the CGCEI is perspectivized from the notion of effect as a viewpoint over the notion of cause. Pragmatically, the results point to the role of invited inference and (inter)subjectivity in instances of the construction, aiming to achieve diverse discursive effects.

KEYWORDS: graduation; construction; cognitive processes; interactional aspects; Usage-Based Functional Linguistics.

REFERÊNCIAS

ASSIS SILVA, T. C. de. *Explodir de tanto ódio: análise funcional-construcionista de [XEFEITO DE YINTENSIFICADOR ZCAUSA]* GRAD. 2024. 120 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal-RN, 2024.

BISPO, E. B.; LOPES, M. G. Linguística Funcional Centrada no Uso: teoria, método e aplicação. *Revista Odisseia*, Natal, v. 7, n. esp., p. i-x, 2022. DOI: <https://doi.org/10.21680/1983-2435.2022v7nEspecialID28489>.

BISPO, E. B.; CAIAN, T. “Brilhando de tão feliz”: propriedades formais e semânticas da construção graduadora de causa-efeito com intensificador. *Revista (Con)Textos Linguísticos*, v. 18, n. 40, p. 309–329, 2024. DOI: <https://doi.org/10.47456/rctl.v18i40.45110>.

BISPO, E. B.; SOUZA, E. F. R.; MENDES, W. V. Funcionalismo linguístico: uma perspectiva, diversos olhares. In: SILVA, I. L. L.; PRA-TA, N. P. P. (org.). *Caminhos da Linguística Funcional: tendências, uso, intersecções*. Campinas-SP: Pontes Editores, 2026. p. 21-48.

BYBEE, J. *Language, use and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

COSTA, I. O. *A construção superlativa de expressão corporal: uma abordagem construcionista*. 2010. 143 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010.

CROFT, W. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CUNHA, M. A. F. da; BISPO, E. B. Pressupostos teórico-metodológicos e categorias analíticas da linguística funcional centrada no uso. *Revista do GELNE*, Natal, v. 15, n. 1/2, p. 53-78, 2013.

CUNHA, M. A. F. da; BISPO, E. B. Pra quem é, bacalhau basta: da opacidade e produtividade das construções idiomáticas. *Revista Soletras*, São Gonçalo, v. 39, p. 103-116, 2019. DOI: <https://doi.org/10.12957/soletras.2019.38075>.

CUNHA, M. A. F. da; BISPO, E. B. Linguística Funcional Centrada no Uso: caracterização teórico-metodológica e aplicação prática.

In: ROSÁRIO, I. da C. (org.). *Metodologia da pesquisa funcionalista*. Porto Velho: EDUFRO, 2023. p. 15-36.

DAVIES, M. *Corpus do Português: NOW*, 2018. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/now/>. Acesso em: 10 jan. 2025.

DU BOIS, J. Competing motivations. In: HAIMAN, J. (ed.). *Iconicity in syntax*. Amsterdam: John Benjamins, 1985. p. 343-66.

FILLMORE, C. Frames and the semantics of understanding. *Quaderni di Semantica*, v. 6, n. 2, p. 222-254, 1985.

GIVÓN, T. From discourse to syntax: grammar as a processing strategy. In: GIVÓN, T. (ed.). *Syntax and semantics: discourse and syntax*. New York: Academic Press, 1979

GIVÓN, T. *Syntax: a functional-typological introduction*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1984.

GIVÓN, T. *Functionalism and grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995.

GOLDBERG, A. *A construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GONÇALVES, C. A. A função indexical das formações X-íssimo, X-errimo, X-ésimo no português do Brasil. *Veredas*, Juiz de Fora, n. 9, p. 47-59. p. 2001.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought*. New York: Basic Books, 1999.

LAKOFF, G.; TURNER, M. *More than cool reason: A Field Guide to Poetic Metaphor*. Chicago: University of Chicago Press, 1989.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. *Metodologia do trabalho científico*. 7. ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 2010.

MARTELOTTA, M. *Mudança linguística: uma abordagem centrada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

SCHIFFRIN, D. The management of a co-operative self during argument: the role of opinions and stories. In: GRIMSHAW, A. D.

(ed.). *Conflict talk: sociolinguistic investigations of arguments in conversations*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990. p. 241–259.

SILVA, A. S. da. A linguística cognitiva: uma breve introdução a um novo paradigma em linguística. *Revista Portuguesa de Humanidades*. Braga: Faculdade de Filosofia da UCB, p. 59-101, 1997.

SILVA, C. R. de O. *Metodologia e organização do projeto de pesquisa*. Fortaleza: Centro Federal de Educação Tecnológica do Ceará, 2004.

SILVA, J. R. *Motivações semântico-cognitivas e discursivo-pragmáticas nos processos de intensificação*. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, UFRN, Natal, 2008.

SILVA, J. R. *O grau em perspectiva: uma abordagem centrada no uso*. São Paulo: Cortez, 2014.

TOMASELLO, M. (ed.). *The new psychology of language: cognitive and functional approaches to language structure*. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1998.

TRAUGOTT, E.; DASHER, R. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.